

Para ex-presidente do BC, conversão é a única forma de aumentar investimentos

por Yves Léon Winandy
de Belo Horizonte

A possibilidade de converter parte da dívida externa latino-americana em capital de risco a ser investido, localmente, é a única forma viável de conseguir aumentar, a curto e médio prazo, o ritmo de investimentos na região. A opinião é de Carlos Geraldo Langoni, ex-presidente do Banco Central do Brasil, e foi defendida ontem, em Belo Horizonte, durante a abertura do Seminário sobre Políticas para o Financiamento do Desenvolvimento na América Latina.

"Esse é o mecanismo de transição, ou a ponte que possibilitaria a saída da 'idade da dívida' (o modelo de desenvolvimento adotado nos últimos trinta a quarenta anos) para a 'idade do capital' (de risco)", afirmou, ao participar do painel "Mercado de capitais e mercado de crédito — alternativas para o desenvolvimento das empresas".

Esse painel abriu os trabalhos do seminário, promovido pela Associação Latino-Americana de Instituições Financeiras de Desenvolvimento (Alide), Associação Brasileira de Bancos de Desenvolvimento (ABDE) e Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG).

Langoni, atualmente professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV), considera que a América Latina está vivendo "o fim de uma era", que se reflete no "esgotamento" do modelo de crescimento baseado no endividamento externo e interno. De acordo com ele, os últimos seis anos têm-se caracterizado por representarem uma fase de "transição" da era do endividamento para o que chamou de "idade do capital".

Para essa nova fase da história econômica latino-americana, disse, é imprescindível contar com a poupança externa, pois o capitalismo regional não tem condições de gerar os recursos necessários para alavancar o crescimento regional. Essa poupança, enfatizou, deve ser canalizada via capital de risco, pelo fato de a solução do endividamento, coordenada pelo Estado, já ter dado mostras de ser excessivamente vulnerável.

"Temos de aceitar o pa-

pel do investimento externo no programa de desenvolvimento (...). Temos de usar essa alternativa da conversão da dívida para reabilitar os projetos de investimento", afirmou. Isso, comentou, posteriormente, mesmo que a abertura a maiores investimentos externos custe alguma perda de liberdade para os países da região, quando da definição de sua política macroeconômica.

O ex-presidente do Banco Central esclareceu não ver "saída" fora da integração com o capital estrangeiro. "Nem a integração regional latino-americana é suficiente para permitir que os países da região se beneficiem do processo de modernização da economia que está ocorrendo lá fora (nos países desenvolvidos)", afirmou.

"A conversão da dívida em capital é uma oportunidade para alavancar o investimento. Mas, o pré-requisito para crescer é recuperar a economia doméstica", disse Langoni ao responder a uma questão levantada por Iran de Almeida Pordeus, do BDMG, que questionou a necessidade de ajustes internos nas economias latino-americanas.

Para o executivo do banco mineiro, os países da região devem modificar suas políticas cambial, tributária e monetária, com o objetivo de incentivar a poupança interna. A opção por uma política de maior atração do investimento externo, acrescentou, pode levar à perda de liberdade na definição das políticas macroeconômicas latino-americanas.

"É vital acertar as políticas para juros e câmbio", disse Langoni, esclarecendo ser, hoje, "mais simpático" à utilização de uma política "o mais flexível possível" na questão cambial, acabando-se, inclusive, com a distinção entre "câmbio oficial" e "mercado paralelo".

Pordeus, também questionou "em que medida" a definição de setores prioritários, para investimento, ficaria prejudicada a partir do momento em que se optar por iniciar um novo ciclo com o capital externo. "O Brasil tem de entrar nesse novo ciclo e adaptar-se para conviver com esses capitais. É uma tendência inexorável", disse Langoni.